

## **Alguns apontamentos sobre o livro “Terra da Paciência” de Francisco Ceia**

***Luís Palma***

Nestes momentos começamos por agradecer ao autor o convite para apresentarmos a sua obra e sublinhamos a honra que é para nós estar a fazê-lo.

Confesso que não deixando de cumprir a formalidade desse ritual, pois é um privilégio estar à vossa frente e ao lado do autor para mais adiante falar um pouco sobre este “Terra da Paciência”, contudo terei de me dirigir ao autor dizendo que este desafio, por si lançado à minha pessoa, deu-me um enorme prazer pela descoberta desta poderosa prosa, mas, em desabafo permito-me referir que a leitura e os apontamentos com o rigor do estudo que metodologicamente segui, gerou um acalorado conflito com as minhas rotinas noturnas, tendo mesmo dado por mim a receber a luz matutina num destes dias sem que os humanos lá de casa ou mesmo os dois quatro patas canídeos dessem sinais da minha ausência no habitual sono de tempero de energias, contando, aliás, com a solidariedade de um deles que resolveu pernoitar nessa noite na mesma sala onde me encontrava a laborar.

Estamos na presença de Francisco Ceia, natural de Portalegre, alentejano, portanto, que nos anos seguintes à Revolução dos Cravos, mais precisamente em 1976, frequenta o curso de teatro e inicia a sua carreira artística como ator profissional no CENDREV – Évora. Quatro anos depois, funda, na sua terra natal, a Companhia de Teatro profissional “Teatro do Semeador”. Do seu percurso fazem parte diversas composições para teatro e televisão, possui uma vasta discografia e mais recentemente abraçou a escrita criativa com dois livros já publicados.

Refira-se que no ano de 1995, a convite da Companhia “Seiva Trupe” do Porto, integra o elenco do musical “Ópera do Malandro” de Chico Buarque da Holanda, registando-se ainda em anos seguintes a participação no Festival Internacional de World Music “WOMAD” e na 36.ª edição do Festival RTP da Canção.

Este homem-autor, ao contrário do que se passou hoje, em que tivemos que atrasar a apresentação do livro por causa do futebol, avisava com a sua voz, na década de 80, o início dos desenhos animados do célebre “Tom Sayer”, através da canção do générico cantada por ele, sendo responsável pela interrupção das mais disputadas partidas de futebol das férias de verão passadas na minha aldeia no Alentejo, que tinham assim

um forçado intervalo por alguns minutos, leia-se o tempo da duração de cada episódio.

\*\*\*\*\*

Francisco Ceia traz-nos 30 cenas num processo encadeado e linguístico que nos obriga a estar atentos à linguagem conhecida das gentes da região alentejana, pelas expressões e palavras cheias de sentido e identidade, numa afirmação constante de valores ancestrais que desencadeiam nas personagens uma envolvimento de sentimentos que nos transportam para as “estórias” de outrora que tão bem conhecemos pelo testemunho que nos foi transmitido pelos nossos antepassados, não num tempo muito distante, e que talvez por essa razão aproxima o leitor e facilmente o mergulha na agitação das consciências que a obra desenvolve em todo este processo prosaico.

O autor chama-nos constantemente para um despertar de consciências, coloca-nos dentro do livro e fora dele. Dentro porque quando damos conta somos personagem porque nela ou nelas nos revemos. Fora como se fossemos espetadores a assistir à passagem de cenas de um filme ou a diversos atos de uma peça de teatro, com vontade de dialogar com as personagens porque também delas nos sentimos parte.

Esta obra de Francisco Ceia é um apaixonante texto que temos vontade de ler várias vezes. Quase como nos livros de poesia poderemos abri-lo em qualquer uma das cenas e o mesmo não perde a força do encadeamento de uma novela ou romance, tal o poderoso estilo adotado, assumindo diferença, beleza e espontaneidade.

Ficamos com a sensação de um desejo que não se conclui. Explico melhor: temos vontade que o livro não chegue ao fim. E a forma como o mesmo termina apelando ao sebastianismo, um mito tão nosso, ainda reforça mais esse sentimento.

Há uma portugalidade que possivelmente Eduardo Lourenço poderia expressar nos seus horizontes de filósofo e ensaísta, mas centro a luminosidade desta recensão na região Alentejo, pelos ritmos, cores, cheiros, paisagens, gentes, modos de falar. Há a Região nas 450 páginas deste livro.

“Terra da paciência” é mais que uma obra em formato literário. É um modo de estar do homem alentejano e da sua alma. Aparentemente paciente, mas inquieto. Sentado à soleira de uma porta, mas aberto ao mundo e aos sonhos. Pacientemente à espera, mas com o pensamento além dos seus horizontes. Com um olhar de espera e confiança no futuro.

Portador de uma observação atenta e conhecedora do seu semelhante, quer nos contextos de passado, quer do presente.

O autor cria assim uma ligação simbiótica entre os indivíduos. Consegue através do ritmo estilístico da prosa, despertar consciências e procurá-las refletir sobre si perfeições e imperfeições da realidade, da nossa realidade que por defeito de análise tentamos dar-lhe um sentido obtuso sem noção do ridículo que isso representa.

Voltando ao mito sebástico, para terminar estes meus apontamentos de leitura da obra, este revela mais uma vez o significado e a porta aberta à reflexão que o autor nos deixa nas últimas linhas, em que nos desafia para ao contrário do que a carga messiânica nos provoca – termos uma eterna esperança que um dia virá um salvador e resolverá todos os nossos problemas -, sermos nós a tomar nas nossas mãos o destino da nossa vida coletiva e procurarmos na capacidade de entendimento, primeiro para dentro de nós próprios, e depois em partilha de valores com os outros, a tomarmos consciência das decisões que no presente são o resultado do que iremos viver lá ao fundo (o chamado futuro), sítio onde iremos passar o resto das nossas vidas, pelas razões das opções de um passado que nos afirma na nossa identidade.

Ao autor, renovados agradecimentos pelo convite, pelo desafio, pela sua participação na Semana Cultural do Laranjeiro e Feijó, pela apresentação desta obra e por esta iniciativa que enriquece o nosso programa e o trabalho autárquico.

Tal como na obra, nesta também “Terra da paciência” há que persistir lutando, agitando consciências, a acreditar nos sonhos, a tomar decisões e a resistir ao conformismo instalado, exaltar as almas inquietas a fazer parte de um novo tempo, mesmo que alguns queiram permanecer à espera do D. Sebastião.

Feijó, 6 de julho de 2016